

Educação e mudança

uma proposta de transformação social¹

Luciane Maria Crestani*

Paulo Reglus Neves Freire é natural de Pernambuco, nascido no Recife, em 1921; morreu em São Paulo em 1997. Conhecido como o “pedagogo dos oprimidos” por indignar-se contra a pobreza, as injustiças sociais e o analfabetismo do povo, Paulo Freire fazia parte de um segmento progressista da sociedade civil brasileira que procurava romper as tradições arcaicas, autoritárias, discriminatórias e elitistas vigentes no Brasil, as quais impediam a participação da *massa* nas decisões sociais. Empenhou-se, para tanto, num projeto totalmente inovador de alfabetização e educação de adultos marginalizados, propondo uma educação que estimulasse a colaboração, a decisão e a participação social e política do povo oprimido.

Por suas idéias inovadoras, foi condenado ao exílio e, durante o período em que

esteve fora, além de dar continuidade ao seu trabalho educacional em outros países, publicou grande quantidade de obras relacionadas a sua temática educacional, que servem de embasamento para uma educação emancipatória e realmente democrática, a partir da qual os marginalizados tenham, também, a oportunidade de ter vez e voz na sociedade.

O lançamento em português da obra *Educação e mudança* ocorreu em 1979, quando o autor retornou ao Brasil depois de quinze anos de exílio. O texto nos mostra as idéias do autor acerca de uma educação emancipatória, visando à autonomia do homem e à libertação do oprimido. A obra é dividida em quatro capítulos e sua temática central é a mudança, que, ao lado da conscientização, compõe os alicerces mestres na construção da sociedade igual

¹ A presente resenha foi feita a partir do texto FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 80 p.

* Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo.

litária e democrática que Paulo Freire propõe edificar através de uma educação libertária e comprometida com o povo oprimido.

O primeiro capítulo, intitulado “O compromisso do profissional com a sociedade”, aborda o comprometimento que precisa existir por parte do profissional para que se possa efetivar uma mudança social. Para Paulo Freire, estar comprometido significa ter consciência de nosso papel na sociedade, sendo capaz de refletir e agir conforme nossos objetivos, não objetivos individuais, mas que visem ao bem comum e ao “ser mais” de cada pessoa que nos cerca. Para tanto, faz-se necessário assumir uma postura social, negando a *suposta* neutralidade de nossas ações.

O segundo capítulo, “A educação e o processo de mudança social”, é subdividido em treze itens, onde o autor expõe as idéias que julga necessárias existirem na educação para que haja a mudança social. Primeiramente, sua concepção gira em torno do fato de que o homem deve ser o sujeito de sua educação e não o objeto dela, não o depositário de ensinamentos que não fazem parte de seus interesses. Também defende o caráter permanente da educação por estarmos em constante processo de aprendizagem. Assim, não há saber absoluto, acabado, como também não há ignorância absoluta, pois todos possuem um saber relativo dentro de seu próprio meio de atuação. Entende, ainda, que não há verdadeira educação se não há amor ao próximo e esperança nas transformações que a educação pode trazer. Além disso, a educação precisa ser criadora, desenvolver no homem o ímpeto de criar; precisa ser desinibidora e não restritiva.

Num segundo momento, nos fala sobre organização das “sociedades fechadas; sociedades alienadas e sociedades em transição”. A sociedade fechada é aquela que está subordinada a outras, sendo definida como rígida e autoritária, cujo sistema educacional reproduz o sistema classista e discriminatório vigente. Já a sociedade alienada é definida como aquela que imita a cultura de outros países em detrimento da valorização da sua própria. Nesse contexto, caracteriza também o homem alienado como aquele que imita os outros e acredita que se torna mais culto quanto menos nativo for, copiando modelos estrangeiros ou aceitando-os sem questioná-los ou refletir sobre a adaptação desses ao seu meio. Assim, para que uma sociedade inicie o processo de transição, ou desalienação, é necessário que ela se abra à participação popular, à participação das massas, o que só pode ocorrer através de uma educação diferenciada para a população oprimida. Finalmente, traça um paralelo entre a consciência ingênua e a consciência crítica, da qual o homem precisa estar dotado para perceber a realidade que o cerca e interagir nela.

No terceiro capítulo, “O papel do trabalhador social no processo de mudança”, o autor salienta que a sociedade é um universo onde coexistem, dialeticamente, a tendência para a mudança e a tendência para a estabilidade, cabendo ao trabalhador social posicionar-se a favor de uma delas. Se o trabalhador social opta pela estabilidade, suas ações serão no sentido de frear as transformações, pois este teme o processo de libertação que pode ser desencadeado pela mudança. Assim, esse trabalhador social está apenas reforçando o *sta-*

tus quo. Já o trabalhador que opta pela mudança procura desvelar a realidade aos olhos de seu próximo, buscando, juntamente com ele, a transformação social. Mais que isso, o trabalhador social que almeja a mudança procura tornar seu próximo um ser mais crítico e capaz de interagir na sociedade, um verdadeiro sujeito, e não um objeto através do qual se atingem objetivos individuais. Finalmente, o papel do trabalhador social é tentar a conscientização dos indivíduos com que trabalha, pensando, crescendo e agindo junto com eles numa contínua busca pelo *ser mais*.

No quarto e último capítulo da obra, “Alfabetização de adultos e conscientização”, Paulo Freire nos fala um pouco sobre os motivos que o levavam a buscar uma educação inovadora, bem como sobre a forma como organizou sua práxis para efetivar a educação por ele proposta. A exemplo do segundo capítulo, também este é subdividido em tópicos (dezoito no total). Inicialmente, o autor aborda o período de transição em que estava situado, quando se buscava uma nova educação, que permitisse a participação do povo no poder, pois este queria ter vez e voz. Então, propunha-se uma educação de conscientização do homem, educação essa que o inserisse criticamente no seu processo histórico e lhe desse oportunidade de optar e decidir. A seguir, o autor procura demonstrar como se efetuava, na prática, a educação por ele proposta, demonstrando-nos sua metodologia de trabalho. Sua proposta era baseada numa educação dialógica, crítica, que buscava, através da conscientização, o resgate da dignidade do homem marginalizado, levando-o a perceber a sua importância dentro da sociedade e a refletir sobre seu

papel nela. O primeiro passo para efetuar essa educação foi uma mudança nos conteúdos programáticos.

Freire acredita que esses devem ter ligação direta com a realidade do educando para despertar-lhe o interesse.

A partir dessa idéia, surgiram as *palavras geradoras*, que eram palavras extraídas do cotidiano do educando e que, decompostas em sílabas, proporcionavam pela combinação desses elementos, o nascimento de outras palavras. As palavras geradoras eram selecionadas seguindo os critérios de riqueza fonética, dificuldades fonéticas e aspectos pragmáticos. Depois de selecionadas, apresentavam-se aos alunos situações pintadas ou fotografadas onde eram colocadas as palavras geradoras para que se fizesse a *ligação* entre a palavra e a situação. Isso servia para desafiar o grupo, para provocar a decodificação das informações através do diálogo e com auxílio de um coordenador, ao qual cabia apenas realizar as mediações necessárias ao esclarecimento de pontos obscuros ou desconhecidos, compartilhando seus conhecimentos sem impô-los ao grupo.

O passo seguinte era a divisão da palavra em sílabas e o reconhecimento das famílias fonéticas de cada sílaba. Então era realizada uma leitura para o reconhecimento dos sons vocais em questão; após, os educandos passavam a construir novas palavras a partir das sílabas da palavra geradora. Assim, na mesma noite em que se iniciava sua alfabetização, o educando já aprendia a escrever. Os resultados deste trabalho eram bastante satisfatórios uma vez que se ensinava a ler e escrever num curto período de tempo (mais ou menos dois meses) e os custos eram irrisórios, pois bastavam um projetor, um filme, um qua-

dro-negro e uma casa ou um clube onde pudessem desenvolver o “círculo da cultura”, nome dado aos grupos de alfabetização de adultos.

No decorrer da obra, aparece, explicitamente, a intenção de Paulo Freire ao *criar* esse método inovador e revolucionário de educação de adultos. Para uma época de transição, que ansiava por novas idéias e perspectivas, fazia-se necessária uma educação que libertasse o povo oprimido e não calasse a sua voz. Nesse contexto, Paulo Freire acreditava que a educação de adultos marginalizados era o grande passo para a mudança que o povo desejava, mudança essa que deveria incluir a participação ativa das massas trabalhadoras nas decisões político-sociais; que lhes permitisse reivindicar seus direitos e lutar por eles; que proporcionasse o surgimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesse sentido, buscou uma educação conscientizadora, dialógica e crítica, que *despertasse* no homem, principalmente no mais humilde, a reflexão sobre a realidade, sobre si, sobre seu estar no mundo e com o mundo, levando-o a resgatar sua dignidade e tornando-o capaz de refletir, decidir e agir conforme seus anseios e expectativas. Para tanto, Paulo Freire deposita toda sua esperança no profissional da educação (entenda-se aqui não só o professor, mas qualquer profissional que colabore para a educação do próximo), pois reconhece que o sistema educacional, por si só, não consegue efetivar a mudança. Assim, dá grande ênfase ao comprometimento do profissional com a sociedade, delegando-lhe a tarefa de *acordar* o povo para que ocorram as transformações sociais. Isso está bastante explícito nos três primeiros capítulos da obra.

A metodologia empregada pelo autor em sua educação emancipatória fica clara no último capítulo do livro. Ali é demonstrado como ele efetivava seu trabalho, partindo de temas que fizessem parte do contexto real dos alunos e propondo conhecimentos que os tornassem capazes de realizar seu trabalho, despertassem sua consciência crítica e os levassem a refletir sobre sua realidade, tornando-os aptos a modificar o que não estava de acordo com o interesse geral e o bem comum. Embora sua concepção de educação e a forma de trabalho por ele propostas tenham grande semelhança com as idéias de renomados autores estrangeiros, como Marx e Pistrak, os quais também propunham uma educação diferenciada para a classe marginalizada como o único meio de efetuar a transformação social, através da obra, não é possível esclarecer se Paulo Freire se apoiou ou não nesses autores e em suas idéias, pois em nenhum momento faz referência a eles ou a qualquer outro teórico da educação.

Sem sombra de dúvida, Paulo Freire é um dos maiores pedagogos da educação brasileira. Através de sua obra, pode-se perceber seu comprometimento com uma verdadeira educação igualitária, que proporcione a todos a participação na sociedade. Partindo da constatação de que, numa sociedade de classes, toda a educação é classista e que a educação não é neutra, mas carregada de cunho ideológico da classe dominante, o autor vai propondo formas de superar esse caráter opressor e discriminatório da educação, depositando suas esperanças de mudança nas atividades do educador e do trabalhador social.

É impossível tomar conhecimento de suas idéias acerca do comprometimento do

profissional sem fazer uma reflexão sobre a própria prática, sobre até que ponto estamos ou não comprometidos com nossa função social e que direção estamos dando ao nosso trabalho. Para quem gostaria de mudar sua prática, mas não vislumbrava meios para isso, Freire aponta caminhos eficientes, que surgem como uma real perspectiva de mudanças sociais a partir de uma, digamos assim, mudança na educação. Talvez seja essa a característica mais relevante de suas idéias, pois, ao contrário de outros pedagogos que apenas formulam teorias, Freire vai além da teoria e efetua, na prática, a educação em que acredita, mostrando caminhos que podem ser seguidos na busca do *ser mais*. Assim, toda sua “tese” é fundamentada não apenas em idéias, mas em fatos concretos, baseada em uma educação que ele demonstra realizável e que atinge seus objetivos.

Percebe-se, no decorrer desta obra, que o trabalho do autor direciona-se mais à educação de adultos marginalizados fora do âmbito da escola, mas os métodos por ele propostos poderiam, também, ser adaptados às instituições escolares, sobretudo no que diz respeito à escolha dos conteúdos programáticos. Há uma infinidade de regras e “decorebas” dentro de determinados conteúdos (senão de todos) que poderiam ser abolidas do programa, pois são conhecimentos que o aluno jamais utilizará em sua vida prática. Assim, haveria mais tempo para o

diálogo, para a reflexão e para o desenvolvimento da consciência crítica do mesmo.

Entretanto, isso pressupõe total autonomia do professor na escolha dos conteúdos e temas a serem estudados, o que, por enquanto, em nossa sociedade, é uma utopia. Até porque isso exige profissionais realmente comprometidos com os interesses sociais comuns, caso contrário, essa autonomia pode se tornar uma “bomba” nas mãos de um inconseqüente. Embora ainda não seja possível realizar a proposta do autor na totalidade nas escolas, pois nem todos os educadores são comprometidos com sua função social, a semente da mudança já foi lançada por ele. Certamente, a educação jamais será a mesma depois de Paulo Freire. Afinal, é impossível ler suas páginas sem refletir sobre o real sentido de nossa prática e a direção que damos a ela.

Enfim, esta é uma obra de suma importância sobretudo para o segmento educacional, por apresentar uma proposta de educação voltada para os anseios de transformação social do povo oprimido que pode ser desenvolvida na prática. Nesse contexto, todos aqueles que atuam ou que, futuramente, passarão a atuar como educadores deveriam ter conhecimento dela. Para tanto, deveria ser adotada como bibliografia básica em todos os cursos voltados para a formação de profissionais da área de educação. Quem sabe, assim, se formassem educadores mais comprometidos com sua função social.